

DIA DE SANTOS REIS

José Antônio de Ávila Sacramento

Não se sabe ao certo a data em que os Magos transformaram-se em Reis e nem há registro exato do dia em que eles visitaram o Menino Jesus. Nem mesmo a data do nascimento de Jesus, nos primórdios do cristianismo, era fixa. Apesar de ser sempre comemorada, foi através do Papa São Teófilo (ano 138 d.C.) que os festejos natalinos tiveram uma certa organização, sem contudo lhe ser definida a data, que podia ocorrer entre janeiro e abril. A fixação da data em 25 de dezembro só aconteceu com o papado de Júlio I (376 d. C.).

Quanto ao Dia de Reis, nos dias atuais, comemora-se coincidentemente com a Epifania. A data escolhida, 06 de janeiro, pode ser em virtude de que em Roma era comemorado o tríplice triunfo de César Augusto. Ainda assim, naquela época, não se falava em Reis, mas em Magos vindos do Oriente e nem mesmo seus nomes eram conhecidos; já os denominaram Zarvandad, Hormizd e Gushnasaph e considera-se que a imaginação popular os tornou reis. Somente no século VII da era cristã é que o Venerável Beda (historiador, teólogo e astrônomo inglês – 673-735) empregou pela primeira vez os nomes Gaspar, Melchior e Baltasar. Embora desconfie-se de que o número de Magos que visitaram o Menino Jesus possa ter sido maior, Beda definiu-os em três: Melchior seria um moço de vinte anos, robusto e vermelho e que se vestia com uma túnica azul; Gaspar seria mais velho, quase septuagenário, de cabelos e barbas brancas e que se vestia de amarelo; Baltasar teria uns quarenta anos, rosto pardo e barba cerrada, vestindo-se de vermelho. Consta que

seus corpos estão na catedral de Colônia (Alemanha).

Na Idade Média era costume contar a história dos Magos através de autos teatrais, com representações dentro de igrejas. Vinda para o Brasil a tradição dos Reis Magos trouxe um costume muito vivo na Europa, mas que já está quase desaparecido: o de, no Dia de Reis, as pessoas trocarem presentes e reunirem-se para comer uma torta de amêndoas dentro da qual existe uma prenda e quem ficar com o pedaço em que ela se encontra, torna-se o rei da festa com direito a escolher a rainha (ou vice-versa); os dois, durante a festa, têm seus desejos atendidos por seus "súditos". A troca de presentes é a lembrança da oferta dos Magos ao Menino Jesus – ouro, incenso e mirra.

A Festa de Reis encontrou terreno fértil no Brasil. Além de religiosa ela se adequou ao meio rural, integrando comunidades, fazendas e arraiais. Lembrou-me de uma Folia (com o Bastião e a Catirina e instrumentos variados, como a rabeca) visitando fazendas do distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru, quando ainda menino; lá por aquelas bandas esta tradição já desapareceu, infelizmente; no local sobrevive apenas o antigo costume de se escrever os nomes ou iniciais dos Magos atrás das portas de entrada das residências. Mas em São João d'El-Rey ainda há Falias e grupos de Pastorinhas que saem às ruas, levando consigo sempre muita alegria e devoção.

Nesta passagem de século é justo ressaltar as apresentações das Pastorinhas organizadas pelo folião sr. Geraldo Elói e sua esposa sra. Júlia Ma-

ria, composta de dez meninas e cinco tocadores (banjo, dois violões, acordeon e caixa), todos vestidos a caráter. O grupo visitou muitas casas e apresentou em praças públicas, além de cantar junto ao tradicional Presépio da Muxinga (exposto no Museu Thomé Portes, casa de Bárbara Eliodora). Ao visitarem as casas cantam pedindo licença e vão até o presépio, se ajoelham e prestam a sua adoração ao Deus Menino. A imagem do Menino Jesus é entregue ao dono ou dona da casa que a beija com respeito e a faz circular pelos cômodos. Cabe ao dono da casa oferecer um agrado aos folieiros e participantes (cafezinho, salgadinho, alguma bebida e valores em dinheiro). Depois os componentes agradecem e se despedem do Menino e dos moradores, tudo através de cantoria.

Com reza de terço, apresentação das Pastorinhas e do terno de Folia do bairro das Fábricas, organizado pelo sr. Sebastião Teodoro da Silva, foi comemorado o Dia de Santos Reis na Gruta do Divino, final da rua Antônio Rocha, às 18 horas do dia 06 de janeiro de 2001, encerrando-se ali os festejos do Ciclo Natalino pelo terceiro ano consecutivo. A Folia, com dez componentes, trazia a bandeira com a representação da cena da natividade e a imagem de São Sebastião, além de um mascarado dançante – o Palhaço – este ano encarnado na pessoa do folclorista Ulisses Passarelli. O Palhaço de Folia (também chamado de Bastião) exerce uma função importante de unir, a um só tempo, a adoração do Menino, alegria da festa e realeza dos Magos. Aqui em São João o Palhaço entra e dança no interior das casas; na Zona da Mata mineira, cidade

de Cataguases por exemplo, ele não entra em casa, ficando à espera da Folia no jardim ou calçadas pois acreditam que ele representa o mal. A presença do Palhaço na Folia é controversa: alguns a atribuem aos "bobos" que alegravam as cortes reais, outros o consideram, no caso específico, como o espírito que foi enviado por Herodes para descobrir onde estava o Rei dos Judeus e foi despistado (ou feito de palhaço) pelos Magos. Talvez seja também por isso, para não ver onde está o Menino, que em certos lugares ele não entra nas casas.

A efetivação desta festa na referida Gruta foi motivo para arrolamento pelo folclorista Affonso Furtado, membro da Comissão Fluminense de Folclore/RJ, motivando a inclusão do município de São João d'El-Rey no seu estudo de mapeamento nacional das localidades que comemoram a Festa de Santos Reis. Ali pudemos relembra o texto bíblico do Evangelho de Mateus que relata a saga dos Reis Magos (cap. 2, versículos de 1 a 2), representado numa linguagem mais popular. Ali reverenciamos aqueles (Reis) Magos que, mesmo sabendo onde estava o Menino Jesus, decidiram não voltar a Jerusalém e nada contar a Herodes, evitando assim a premeditada morte do Menino.

Diante de tudo isto penso poder afirmar que os Santos Reis Magos foram os primeiros seguidores de Cristo.

* Dedicado à memória de José de Alencar de Ávila Carvalho, apreciador das Falias, nascido em 05-01-1925,

Jornal Tribuna Sanjoanense

(São João del-Rei - MG, ano XXXII, edição 1055, 23 de janeiro de 2001)